

## AFIXOS E EXPRESSIVIDADES NO CONTO “A IGREJA DO DIABO” DE MACHADO DE ASSIS

Por Sônia Regina Pereira Cunha<sup>1</sup>

Greize Alves da Silva–Poreli<sup>2</sup>

***Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... Espantem-se à vontade; podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. (O Espelho, Machado de Assis).***

### INTRODUÇÃO

O enfoque deste trabalho é a análise estilística do conto “A Igreja do Diabo” com base nos afixos (prefixos e sufixos). Destinamos maior foco aos prefixos negativos, pois notamos sua importante presença no texto, o que causou expressividade ímpar em todo o desenrolar da obra machadiana. Focamo-nos nas palavras de Sandman quando diz:

Tendo em vista que o objeto da estilística é o estudo das funções expressivas e apelativas da linguagem, não resta dúvida de que usar recursos morfológicos para expressar apreço ou desapeço é uma importante função da formação de palavras (SANDMAN, 1991, p.79).

Dentro da perspectiva de Sandman, podemos afirmar que entre prefixo e sufixo há semelhanças (ambas geram palavras novas) e diferenças não apenas distribucionais, mas também qualitativas relacionadas ao fator gramaticalidade<sup>3</sup>. Tanto prefixos quanto sufixos aduzem um novo significado ao lexema, enriquecendo ou transformando-o, o que para Alves está atrelado à capacidade criativa do autor: “A unidade lexical neológica pode ser criada por razões estilísticas e,

---

<sup>1</sup> Graduanda do 6º período do curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins - UFT. E-mail: soniacunha1@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora substituta do curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins - UFT. Orientadora deste trabalho. E-mail: greize\_silva@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Entendemos gramaticalidade como a característica de uma sentença gramatical, ou seja, aquela que foi gerada pelas regras da gramática de uma língua.

nesse caso, contribui para causar efeitos intencionais: estranhamento, ironia, cor local- em uma mensagem” (ALVES, 1990, p. 86).

Para tanto, o presente artigo é estruturado da seguinte forma: primeiramente apresentaremos vida e obra do autor, na qual abordamos seus principais trabalhos, bem como sua relação com o gênero *conto*. Em seguida, apresentaremos a discussão e análise dos dados seguindo viés tanto morfológico quanto estilístico no que se refere aos sufixos e prefixação negativa.

## **VIDA E OBRA DE MACHADO DE ASSIS**

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em uma quinta no morro do Livramento no dia 21 de junho de 1839, no Rio de Janeiro. Era o primeiro filho de Francisco José de Assis e Maria Leopoldina Machado de Assis, ele mulato e pintor, ela portuguesa, ilhoa e segundo a tradição, lavadeira. Seus pais eram agregados de dona Maria José de Mendonça Barroso, viúva de um brigadeiro e madrinha de batismo do menino Joaquim. Aos 10 anos perdeu a mãe, e seu pai casou-se com Maria Inês da Silva, em 1854, também mulata. Consta que tanto ela quanto o marido tinham um diferencial, sabiam ler, sendo ela quem ensinou as primeiras letras para o menino.

Machado chegou a freqüentar uma escola pública, mas não se sabe exatamente quando teve que largar, acredita-se que após a morte do pai. Já nessa época, o precoce Machado já fazia suas publicações na Marmota Fluminense, uma colaboração que duraria até 1861. De origem humilde, foi autodidata, venceu limitações pessoais (era gago e epilético) e sociais (era mulato e pobre).

Um momento importante na vida do garoto foi como aprendiz de tipógrafo na Tipografia Nacional, sob as ordens e proteção de Manuel Antônio de Almeida (autor de Memórias de um Sargento de Milícias). Conta-se que seu trabalho era improdutivo devido às horas de leitura em pleno expediente, mas para o então administrador, Manuel Antônio, as reclamações não fizeram efeito, o escritor ficou impressionado com o esforço do menino que trabalhava, ganhava mal e ainda era um leitor apaixonado. Os dois tornaram-se amigos, apesar da diferença de idade; a

partir daí, iniciou sua carreira literária aos dezesseis anos. Saía a campo em busca de uma literatura nacional, que buscava a “face da nossa sociedade”, e não a exótica, indianista como no Romantismo. Essa faceta ficou em banho-maria até os anos de 1860, quando já estava em pleno domínio de sua escrita e já era autor de contos, peças teatrais e do livro de poemas *Cristálidas* (publicado em 1864).

Em 1869, casou-se com a portuguesa Carolina Augusta Xavier de Novais. O poeta que, antes, era atormentado pelas dores da paixão vai cedendo espaço ao homem menos amargurado, autor de *Falenas*, *Ressurreição*, *A Mão e a Luva*, e *Iaiá Garcia*. Certamente, com esses romances, Machado garantiria seu nome na literatura brasileira, mas não com a importância que tem hoje. Foi necessário viver o momento aparentemente de crise, a ponto de dizer que havia perdido a confiança no homem, para que ele escrevesse aqueles que são os seus mais importantes romances: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*. Ocupou cargos públicos importantes, foi o fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras. Viúvo havia quatro anos, Joaquim Maria Machado de Assis depois de vários dias de cama, morre de madrugada em sua casa no Cosme Velho.

## **MACHADO DE ASSIS E O CONTO**

O contista Machado de Assis, para muitos, supera o romancista. Coube a ele dar ao conto, densidade e excelência insuperáveis em nossa literatura, fundando esse gênero por onde mais tarde iriam trilhar Mário de Andrade e Clarice Lispector (citando apenas dois modernistas). Distingue-se em duas fases: a primeira, dita romântica, com os livros: *Contos Fluminenses* e *Histórias da Meia-Noite*; a segunda, realista, inclui os melhores contos: *Papéis Avulsos*, *Histórias Sem Data*, *Várias Histórias*, *Relíquias de uma Casa Velha* e *A Igreja do Diabo*.

Nádia Gotlib teoriza sobre o conto. Ela nos diz:

O fato é que a elaboração do conto é produto de um extremo domínio do autor sobre os seus materiais narrativos. O conto, como toda obra literária, é produto de um trabalho consciente, que se faz por etapas, em função desta intenção: a conquista do efeito único ou impressão total. Tudo provém do minucioso cálculo (GOTLIB, 1985, p.34-35).

Com base na supracitada autora, podemos dizer que o conto é a forma narrativa de menor extensão, ainda que contenha os mesmos elementos do romance. Concisão, precisão, densidade e a unidade de efeito são características imprescindíveis do conto; esse tipo de gênero precisa causar um efeito singular no leitor; muita emotividade e excitação.

O conto enquanto gênero literário não foi muito difundido, considerando, o período inicial da literatura brasileira até o romantismo; poucos foram os escritores que se dedicaram a esse gênero narrativo. Hoje, mesmo quem não faz parte de um meio acadêmico, já leu e/ou estudou algum conto machadiano, ou até mesmo, dele já ouviu falar, tendo em vista que alguns de seus contos são até mais famosos que os seus romances.

[...] os contos de Machado de Assis traduzem perspicazes compreensões da natureza humana, desde as mais sádicas às mais benévolas, porém, nunca ingênuas. Aparecem motivadas por um interesse próprio, mais ou menos sórdido, mais ou menos desculpável. Mas é sempre um comportamento duvidoso, que nunca é totalmente desvendado nos seus recônditos segredos e intenções [...] o modo pelo qual o cronista Machado representa a realidade, traz consigo a sutileza em relação ao não – dito, que abre para as ambigüidades, em que vários sentidos dialogam entre si (...). Isso tudo é montada partir de gestos, olhares, entrelinhas e cochichos, sempre sugerida pela ironia fina (GOTLIB, 2006, p.77-78).

#### **A IGREJA DO DIABO – SÍNTESE**

Neste conto, Machado de Assis conta a história narrada em um velho escrito beneditino, que uma certa vez, o diabo teve a idéia de fundar uma igreja, pois estava cansado da sua própria desorganização. Então foi imediatamente comunicar a Deus sobre sua idéia, como forma de desafiá-lo e também para que não fosse acusado de dissimulador.

Na igreja do Diabo teria tudo que nas outras igrejas não tem, suas leis seriam contrárias as de Deus, na sua igreja seria aceito todos os fieis com todos os tipos de pecados. Quando o diabo chegou ao céu, Deus estava acolhendo um senhor que acabara de chegar, este sacrificou sua própria vida para salvar a vida de dois jovens. O diabo diz a Deus que o céu ficará uma casa vazia depois que ele fundar sua igreja, e a mesma será uma “hospedaria barata”, pois o preço do

céu é muito caro. É por isso que ele viria com “a boa nova”, sua nova igreja que seria diferente de todas as outras, seria única.

## ANÁLISE ESTILÍSTICA E MORFOLÓGICA DO CONTO

Segundo Alves (1990, p. 37), “não há uma unanimidade, na língua portuguesa, quanto ao número e à natureza dos morfemas prefixais”. A autora considera como prefixos as partículas independentes ou não independentes que, “antepostas a uma palavra base, atribuem-lhe uma idéia acessória e manifestam-se de maneira recorrente, em formação em série”. Machado utiliza esse critério já no primeiro capítulo, pois apresenta prefixos negativos (sem, nada), com a finalidade de intensificar e valorizar os substantivos. Tal recurso foi utilizado em detrimento do uso de palavras já existentes em nossa língua, tais como desorganizado, irregular, pois, caso optasse por esses vocábulos o valor expressivo não seria o mesmo. Trata-se de uma *trança sintática*.

sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos, **sem** organização, **sem** regras, **sem** cânones, **sem** ritual, **sem** nada.(...) **Nada** fixo, **nada** regular. Por que não teria ele a sua igreja?”. (grifo nosso)

Assim como as preposições *contra* e *sobre* adquirem o *status* de prefixos, pode-se dizer que, atualmente **sem-** adquiriu a mesma posição, embora não seja reconhecido como morfema prefixal pelos gramáticos e lexicógrafos, conforme lembra Alves (1990, p. 17). Porém, em época de crise social, **sem-**, é um elemento que impulsiona a criação de muitos neologismos: sem-terra, sem-teto, sem-vergonha, etc.

Também podemos dizer que Machado motivou-se com base nos significantes e significados encontrados no vocabulário eclesiástico, com o objetivo de causar tamanha expressividade e prender o leitor já no início da leitura.

Estou cansado da minha **des**organização, do meu reinado casual e adventício. É tempo de obter a vitória final e completa. E então vim dizer-vos isto, com lealdade, para que me não acuseis de **dissimulação** [...] (grifo nosso).

O prefixo **des-/dis-** presente no excerto, e atestado por Bechara, é muito popular: "do quinhentismo pra cá, a derivação popular é sempre feita com os prefixos des/dis (negação, ação contrária, cessação de um ato ou estado, ablação, intensidade)" (BECHARA, 2005, p.366–367). Martins corrobora com tal afirmação: "é com certeza o prefixo mais produtivo, mais popular, e desde as cantigas de escárnio, já revelava sua vitalidade" (MARTINS, 1997, p. 121). Na obra machadiana, o prefixo des-/dis aparece inúmeras vezes em formações dicionarizadas: desorganização, detiveram, desdouro, deslavada, desmentir, desvendasse, entre outros. Os morfemas das palavras destacadas na oração têm um valor estilístico pejorativo, pois a colocação das palavras na frase tem uma visão irônica explícita.

Com as sufixações em destaque, ocorreu a mudança de categoria das palavras que passaram de substantivos para advérbios de modo e de intensidade, dando um caráter pejorativo e irônico ao contexto, como exposta no excerto a seguir:

Uma vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto[...] as virtudes aceitas deviam ser substituídas por outras, que eram as naturais e legítimas. A soberba, a luxúria, a preguiça, foram **reabilitadas**, e assim também a avariza [...], a ira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não haveria a Ilíada... O mesmo disse da gula, que produziu as melhores páginas de Rabelais, e muitos bons. Quanto à inveja, pregou **friamente** que era a virtude principal, origem de prosperidades **infinitas**.

Ainda no exemplo anterior, podemos notar que o autor fez uma paródia dos sete pecados capitais, e com isso, os morfemas **re-**, **mente-**, **in-**, tomaram a responsabilidade da inversão dos valores atribuídos aos pecados capitais, chegando até a personificá-los. Os morfemas: **re-**, **in-**, **mente-**, dão aos sete pecados capitais uma nova releitura onde o **mente-** intensifica seu caráter expressivo combinando-se com os substantivos, exprimindo idéia de qualidade; o **in-** que normalmente é de caráter negativo, se expressa de forma positiva também combinando com os substantivos: "as prosperidades da inveja eram inúmeras, sem medida".

O sufixo **-dade** está intimamente ligado ao valor semântico da base venal<sup>4</sup> agregando valor de adjetivo e também um advérbio de modo. A venalidade passa a ser uma ação que deve ser exercida e que qualifica quem a prática.

---

<sup>4</sup> Venal: algo que pode ser vendido (HOUAISS, 2001).

A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, cousas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, cousas que são mais do que tuas, porque são a tua própria **consciência**, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no **absurdo** e no **contraditório** (grifo nosso).

Os afixos: **-cons** (cumplicidade), **-ab** (abstrair, abuso), **-contra** (oposição, fronteira) **-tório** (satisfatório, expiatório), estão todos relacionados à idéia de contrário e apresentam também a noção de afastamento da sociedade maniqueísta que nos impõe o certo *versus* o errado, o bem *versus* o mal. “[...] não há mulheres que vendem os cabelos? [...] terão um privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem?”. Trata-se de uma questão de contradição humana. Machado foi feliz em sua irônica colocação na qual tudo possui um preço. Os morfemas destacados estão direcionados à consciência de Deus e do Diabo, do bem e do mal, argumentos estes que abrem precedentes para justificar todos os nossos atos.

Para **rematar** a obra, entendeu o Diabo que lhe cumpria cortar por toda a solidariedade humana. Com efeito, o amor do próximo era um obstáculo grave à nova instituição. Ele mostrou que essa regra era uma simples **invenção** de parasitas e negociantes **insolváveis**; não se devia dar ao próximo senão **indiferença**; em alguns casos, ódio ou **desprezo**. (grifo nosso)

As palavras destacadas neste trecho evidenciam o vocabulário e caráter estilisticamente comercial que a Igreja passou a exercer, ou seja, sua finalidade lucrativa, segundo Machado. O excerto deixa evidente que se a Igreja se tornou uma instituição financeira, logo, ela também pode apresentar um caráter de corruptível.

O afixo **-re** aqui tem o sentido de finalizar, concluir. O **-in** em **indiferença** tem função de negatividade, pois é modo como se deve tratar aquele que deve e até mesmo com **desprezo/desdém**. Aqui, os afixos fazem jus aos seus significados.

Enfim, A igreja fundara-se; a doutrina propagava-se [...] Um dia, porém, longos anos depois notou o Diabo que muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticavam as antigas virtudes [...] A descoberta assombrou o Diabo... Alguns casos eram até **incompreensíveis** [...] Um dos seus melhores apóstolos era um calabrês, varão de cinquenta anos, **insigne** falsificador de documentos... Era a fraude em pessoa... benzia-se duas vezes, ao **ajoelhar-se**, e ao levantar-se. O Diabo mal pôde crer tamanha

**aleivosia**. Voou de novo ao céu, trêmulo de raiva, **ansioso** de conhecer a causa secreta de tão singular fenômeno. (grifo nosso)

O autor fez o uso do sufixo **-oso** (muito utilizado para distinguir a composição química de substâncias; termos científicos) como se a **aleivosia** (traição) fosse um fenômeno que deveria ser de incumbência científica; **-contra** não apenas como contrário, diz respeito a algo mais amplo, como se fosse um vício enraizado no ser humano e também como se fosse um amargor do autor que demonstra em suas obras ser um pessimista no que se refere à transformação do ser humano.

O prefixo **não-**, de caráter negativo, é um dos mais produtivos na formação de novos itens léxicais. Não é reconhecido por muitos gramáticos como prefixo, mas une-se a bases substantivas, adjetivas ou verbais, com o objetivo de negar-lhes o significado. Ao negar o significado dessas bases, o prefixo nega também suas características. Características essas que representam bem o Diabo com seu discurso distorcido e logo em seguida, Deus lhe recebe em harmonia opondo - se ao caráter sático do Diabo:

[...] **não** quero parecer que me detenho em coisas miúdas; **não** falo, por exemplo, da placidez com que este juiz de irmandade. [...] o Diabo **não** perdeu um minuto [...] Ora, ele **não** exigia que todos fossem canhotos; **não** era exclusivista; aceitava a todos, menos os que **não** fossem nada. [...] **Não** proibiu formalmente a calúnia. [...] Deus ouviu-o com infinita complacência; **não** o interrompeu, **não** o repreendeu, **não** triunfou, sequer, daquela agonia satânica...É a eterna contradição humana. (grifo nosso)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso estudo objetivou, a partir da descrição morfológica com base nos afixos (prefixação negativa), analisar estilisticamente o conto “A Igreja do Diabo”, pois a negação é peça chave da obra. Assim, procuramos identificar os morfemas de acordo com as relações semânticas que os ligam entre si e aos diversos níveis do texto.

Consideramos o conto como algo bifacial na qual o autor se manifesta como Deus e como o Diabo. Acreditamos que um dos objetivos do autor foi o de provocar inquietação em seus leitores, pois não há uma frase que não tenha uma segunda ou terceira intenção e/ou propósito espiritual, mostrando que o ser humano é uma eterna contradição.

Machado de Assis utilizou toda a sua sutileza e nobreza vocabular arquitetônica na qual a contradição foi abordada com inúmeros significados, dependendo do contexto em que se insere.



Em suma, nosso objetivo foi mostrar que o autor não criou afixos, mas, soube utilizá-los como recurso expressivo com a finalidade de surpreender seus leitores. O conto é riquíssimo e pode ser trabalhado por inúmeros vieses.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo – criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990.

ASSIS, Machado de. **A Igreja do Diabo**. Organizado por Virtual Books (Terra). Disponível na Internet em [http:// www.virtualbooks.com.br/](http://www.virtualbooks.com.br/). Acesso. 01 de outubro. 2010.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática do Português**. 38 ed.rev. e ampl. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

GOTLIB, Nácia Battella. **Teoria do Conto**. Série Princípios. 11 ed. São Paulo: 2006.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, M. S.; **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda, 2001 [versão eletrônica]

SANDMANN, Antônio José. **Morfologia Lexical**. São Paulo: Contexto, 1992.